

Velocidade assustadora: tempo e espaço das TIC no cotidiano de professores

RESUMO

O artigo versa sobre apropriações de tecnologias de informação e comunicação (TIC) por professores e objetiva identificar e descrever a presença e os usos dessas tecnologias, bem como o tempo e espaço do cotidiano por ela permeados. Os dados foram constituídos por narrativas gráficas, em forma de histórias em quadrinhos produzidas pelos sujeitos, e por narrativas orais, em formato de entrevistas episódicas. Participaram da pesquisa 23 professores de escolas públicas de Brasília, Brasil. Entre as diversas TIC, a internet foi a que os professores demonstraram mais domínio. Os docentes indicaram uma disjunção entre os tempos de desenvolvimento tecnológico e a sua apropriação, provocando uma percepção de que as tecnologias avançam mais rápido do que a capacidade de nos apropriarmos delas. O uso excessivo das TIC foi representado como tendência, sugerindo a importância de ações pedagógicas, que propiciem momentos de discussão e reflexão crítica sobre as implicações das TIC na vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: TIC; Tecnologias digitais; Apropriação; Professores; Cotidiano

Geusiane Miranda de Oliveira Tocantins

Doutora em Educação
Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação
Brasília, DF, Brasil
geusiane@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4356-2065>

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em Educação
Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação Física
Brasília, DF, Brasil
ingridwiggers@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5412-7021>

Frightening speed: the time and space of ICT in teachers' daily lives

ABSTRACT

The article deals with teachers appropriation of information and communication technologies. It aims to identify and describe the presence and use of these technologies and the time and space of everyday life permeated by them. The data consisted of graphic narratives in comic strips produced by the subjects and oral narratives in the form of episodic interviews. Twenty-three public school teachers from Brasília, Brazil, participated in the research. Among the various ICTs, the internet was the one the teachers showed the most mastery of. The teachers indicated a disjuncture between the times of technological development and adoption, leading to a perception that technologies are advancing faster than our ability to adopt them. Excessive use of ICT was represented as a trend, suggesting the importance of pedagogical actions that provide moments for discussion and critical reflection on the implications of ICT in everyday life.

KEYWORDS: ICT; Digital technologies; Appropriation; Teachers; Daily life

Velocidad aterradora: el tiempo y el espacio de las TIC en la vida cotidiana de los profesores

RESUMEN

El artículo aborda la apropiación de las tecnologías de la información y la comunicación por parte de los docentes. Su objetivo es identificar y describir la presencia y el uso de estas tecnologías, así como el tiempo y el espacio de la vida cotidiana permeado por ellas. Los datos consistieron en narrativas gráficas, en forma de cómics producidos por los sujetos, y narrativas orales, en forma de entrevistas episódicas. Participaron 23 profesores de escuelas públicas de Brasilia (Brasil). Internet fue la TIC más “apropiada” por los docentes, poniendo de relieve un dilema entre los tiempos de desarrollo tecnológico y de apropiación, provocando la percepción de que las tecnologías avanzan más rápido que la capacidad de apropiarse de ellas. El uso excesivo de las TIC fue representado como una tendencia, sugiriendo acciones pedagógicas que proporcionen momentos de discusión y reflexión crítica sobre las implicaciones de las TIC en la vida cotidiana.

PALABRAS-CLAVE: TIC; Tecnologías digitales; Apropiación; Profesores; Vida cotidiana

INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas versam sobre a relação entre professores e suas práticas educativas com as TIC trazendo discussões relevantes e necessárias. Por meio de experiência pedagógica do uso de podcasts como recurso educativo, Dias (2023) identificou que a linguagem digital representa uma ferramenta para o ensino ativo e conectado aos interesses dos alunos. Sobretudo a autoria dos podcasts por parte dos estudantes favoreceu a personalização do ensino e o maior engajamento deles no processo, proporcionando um aprendizado significativo. Da mesma forma, Sumikawa (2020) observou em uma oferta de curso de formação continuada a docentes da educação básica que o uso das tecnologias estimulou o protagonismo, o trabalho colaborativo e a criação de narrativas que se desdobraram no aperfeiçoamento do trabalho em sala de aula. Apesar das dificuldades de integração das TIC na prática pedagógica, Warth *et al.* (2021) também ressaltam a necessidade de formação docente continuada dos professores para uso das tecnologias, sustentada por políticas públicas efetivas.

Por outro lado, temos identificado que as apropriações de TIC primeiro acontecem na vida pessoal e se expandem para a vida profissional (Hobbs, 2011; Tocantins, 2012). Por isso, no presente texto ampliamos nosso olhar para a vida cotidiana dos professores, incluindo a docência, mas não limitada à docência. Quais tecnologias de informação e comunicação (TIC), os professores evidenciam o uso em seus cotidianos e para quê? A pergunta, apesar de inicialmente parecer óbvia, é importante como ponto de partida para compreender as apropriações de TIC na vida cotidiana. Buscamos ouvir esses profissionais como sujeitos, como seres integrais e não apenas considerando suas perspectivas profissionais. Realizamos, então, uma pesquisa com professores e não sobre professores. Ao conhecermos as suas narrativas gráficas e orais, buscamos identificar e descrever a presença e os usos dessas tecnologias, bem como o tempo e espaço do cotidiano por elas permeados.

Ressaltamos ainda que os dados aqui discutidos compõem pesquisa de doutorado que analisou apropriações de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), com foco em mídias e tecnologias digitais, por professores, crianças e adolescentes. No presente artigo discutimos resultados relativos aos professores participantes. Em publicações anteriores discutimos de forma aprofundada os resultados referentes às crianças e adolescentes (Tocantins; Wiggers, 2021; Tocantins; Wiggers, 2023).

A seguir são apresentados aspectos metodológicos da pesquisa com os professores, os resultados e as análises, contendo ilustrações em formato de histórias em quadrinhos produzidas pelos participantes e, por fim, as conclusões.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio de trabalho de campo com abordagem qualitativa realizado no Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) situado na região administrativa da Ceilândia, Distrito Federal. Na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEDF, os Núcleos de Tecnologia Educacional são estruturas de apoio ao uso das tecnologias na educação junto às escolas públicas de Educação Básica e possuem como uma de suas atribuições, atuar na implementação, acompanhamento e utilização pedagógica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC, contribuindo para operacionalização do currículo e melhoria da qualidade do ensino.

Os participantes da pesquisa são os professores que estavam matriculados nos cursos de formação continuada do NTE Ceilândia. A participação nos cursos é voluntária e parte da iniciativa do professor. Esses professores atuavam em escolas públicas tanto de Ceilândia quanto de Taguatinga, uma região administrativa próxima, e frequentaram o curso em turno contrário ao turno de sua atuação em sala de aula. Um total de 23 professores aceitaram o convite para participar da pesquisa.

Os dados foram produzidos a partir da realização de oficinas de histórias em quadrinhos (HQ) com os participantes. Utilizando o recurso web Pixton, os professores criaram histórias em quadrinhos com o tema: “Eu e as tecnologias”, compartilhando sua história de vida ou parte da sua história de vida relacionada às TIC utilizando-se de narrativas gráficas (Eisner, 2013). Posteriormente os professores foram convidados para uma entrevista episódica (Flick, 2009) transformando suas narrativas gráficas (histórias em quadrinhos) em narrativas orais, que foram gravadas em áudio e transcritas em texto.

As análises foram organizadas considerando dimensões temáticas que emergiram das narrativas dos professores. Deste modo, os resultados e as discussões são apresentados em torno das seguintes dimensões: 1. As TIC na vida cotidiana dos professores, 2. Velocidade assustadora e 3. "Eu estava viciada demais". Por outro lado, os nomes apresentados são fictícios, em cumprimento ao resguardo da identificação dos participantes, como exigência do comitê de ética onde a pesquisa, concluída em 2020, obteve aprovação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As TIC na vida cotidiana de professores

Diversos tipos de TIC permeiam o cotidiano dos professores e ecoam nas suas narrativas, abrangendo as tecnologias analógicas e tecnologias digitais – *notebook*, computador, caixa eletrônico dos bancos, controle remoto, *tablet*, televisão, projetor multimídia, *internet*, *e-mail*, telefone, *Wi-Fi*, máquina fotográfica, câmeras de segurança, microfone, celulares e *smartphones*, aplicativos, *hardware*, *software*, nuvem (Figura 1).

Figura 1 - HQ da Professora Denise



Fonte: Pesquisa de campo

A apropriação das TIC é intensificada quando utilizamos esses recursos de modo tão natural e internalizado no cotidiano que apenas a ausência de “*Wi-Fi*”, no caso da narrativa descrita na figura 1, é percebida pela professora. Isso nos remete à transparência das tecnologias, que trata do modo como a vivenciamos cotidianamente de tal forma que sequer percebemos a sua presença. Por exemplo, não pensamos muito sobre o fato de termos a lâmpada iluminando a nossa casa ao escurecer. Apenas notamos a sua ausência, caso a eletricidade seja interrompida. O mesmo pode ser aplicado ao *Wi-Fi*, cuja ausência atormenta a Professora Denise (Figura 1).

Figura 2 - Quadrinhos extraídos da HQ da Professora Bebel



Fonte: Pesquisa de campo

A história em quadrinhos representada na (Figura 2) indica a presença das TIC no cotidiano da professora, que falou em tom de desabafo “elas permeiam a nossa vida de tal forma [...]” e não permitem outra opção, “somos obrigados a nos conectarmos por meio delas”, restando como alternativa seguir os rumos da apropriação - “aí vi que precisava dominá-las”. Esta afirmação da professora Bebel nos ajuda na compreensão do significado de “apropriação de TIC” que indicaria o domínio de certa tecnologia e não apenas o seu uso. Entendemos a apropriação como um processo (Belloni, 2005), uma trajetória que é vivenciada de diferentes modos pelos sujeitos. Assim, a presença e o uso de TIC no cotidiano de professores não significa necessariamente apropriação (Tocantins; Wiggers, 2021). Concordamos com Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997, p. 54), que “a apropriação é o ponto em que um indivíduo passa a entender a tecnologia e a utilizá-la sem esforço”. A apropriação implica em um processo mais profundo, que pode culminar em uma compreensão ampliada de determinada tecnologia, evidenciando mudanças que indicam o domínio pessoal.

Assim, são às mídias e tecnologias digitais que os professores recorrem para planejar aulas, buscar informações, enviar *e-mail*, fazer cursos *on-line*, compartilhar fotos nas redes sociais, comprar pela internet, *whatsapp* ou “assistir um Netflix para distrair”. Em todos esses usos e “para quê”, a internet é indispensável e parece ser a TIC mais “apropriada” pelos professores.

Velocidade assustadora

As narrativas dos professores analisadas tendem a traçar uma linha do tempo – passado, presente, futuro... ao infinito!

“Como eu tenho raiz interiorana, vim do interior do país, do Nordeste, então, eu tentei vincular o meu contato com esse desenvolvimento naquela linha, né? Então, eu vim de uma sociedade agrária, eu fui conhecer uma televisão aos dezesseis anos... então, o primeiro aspecto de tecnologia foi o rádio” (Professor Tiago).

Na história em quadrinho (HQ) do Professor Tiago (Figura 3), cada quadrinho representa uma nova apropriação tecnológica marcando o momento e o lugar, compondo uma história de vida contada pelo “relógio” da tecnologia. O texto é descritivo e apenas duas opiniões pessoais são emitidas pelo professor: “Tudo foi passando rápido demais” e “Que mundo infinito...”

Figura 3 - HQ Professor Tiago - Título: Eu e a evolução das TIC



Fonte: Pesquisa de campo

O homem teria fim, o desenvolvimento tecnológico não. Diante da finitude da vida humana, o desenvolvimento tecnológico perpassa o tempo e as sucessivas gerações. É interessante observar que o espaço para o último quadrinho da história, ficou totalmente em “branco”, vazio. Seria uma representação desse “mundo infinito” e das incertezas dele advindas? Do avanço “infinito” das tecnologias e uma recusa pessoal em seguir em frente ou sequer imaginar como seria o futuro? Pais

(2012), alerta para as articulações de sentido que os quadrinhos vão produzindo nesses aparentes “não lugares”. Outra HQ produzida pelo mesmo professor (Figura 4) pode clarificar essa interpretação. Ele continua contando a sua história com as TIC em um diálogo com um amigo. Depois do rádio, televisão e do computador – descrito como “Esse é o cão mesmo!” – O Professor Tiago é taxativo, “vou parar no celular”.

Figura 4 - Trecho final da HQ do Professor Tiago



Fonte: Pesquisa de campo

Nas duas histórias em quadrinhos do professor Tiago, o celular é, cronologicamente, a última TIC citada. Parece não haver lugar na sua história de vida cotidiana para mais inovações tecnológicas. O último quadrinho, provavelmente, permanecerá em branco.

“E aí eu tentei representar isso... como que esse processo foi se dando e como a gente consegue materializar numa história esses passos de um processo... vamos dizer... civilizatório” (Professor Tiago).

A linguagem interiorana utilizada pelo professor na sua HQ, como um recurso linguístico, representa suas origens, que perpassam o tempo – passado e presente, desvelando a complexidade de um processo de apropriação de TIC, em suas próprias palavras, “um processo civilizatório” e de certo modo tecnologicamente coercitivo. Parece ser nesse sentido que Norbert Elias se dedicou à reflexão ampla e aprofundada sobre a relação entre o tempo – como um símbolo social – e o processo civilizador.

O que chamamos "tempo" nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos que os homens procuram marcar com a ajuda de relógios ou calendários. Mas, como a noção de "tempo" pode servir para determinar, de acordo com o antes e o depois, processos muito variados, os homens têm facilmente a impressão de que o "tempo" existe independentemente de qualquer sequência de referência socialmente padronizada, ou de qualquer relação com processos específicos (Elias, 1998, p. 84).

Particularmente, para o autor, o tempo em si mesmo não existe, mas compõe o conhecimento humano e surge ao longo de processos de civilização, na necessidade de sincronizar a conduta humana em suas diversas ações e crescentes atividades além de “dispor de uma rede de referências temporais cuja extensão regular pudesse servir de quadro de referência” (Elias, 1998, p. 46). O tempo então, humanamente instituído em suas várias formas – calendários, relógios – exerce, nas sociedades modernas, uma coerção de fora para dentro suscitando o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos, ou seja, uma individualização da regulação social que para o autor apresenta os traços de um processo civilizador, e, portanto, a coerção do tempo que, inicialmente, era externa pode se configurar internamente ou até mesmo como uma coerção auto-imposta (Elias, 1998).

A perspectiva de tempo relacionada a um processo civilizador de Norbert Elias, ilustrada pela narrativa da vida cotidiana do Professor Tiago (Figura 3), fomenta a reflexão sobre o avanço tecnológico da sociedade atual e a “velocidade assustadora” (Figura 5). Se há alguns anos a forma usual de comunicação escrita à distância era a carta, o tempo aceitável socialmente para uma resposta poderia ser confortavelmente em torno de quinze dias, a depender da distância geográfica – relação tempo e espaço – que essa correspondência precisasse percorrer para chegar a seu destino. Com a *internet*, a organização do tempo na sociedade se reconfigura com implicações diretas na vida cotidiana das pessoas. Raramente recebemos uma carta, bem como não é socialmente aceitável esperar quinze dias pela resposta de um *e-mail*. Na verdade, o *e-mail* também parece estar destinado a comunicações formais, contatos profissionais ou simplesmente para uma referência de localização no ciberespaço – como a própria estrutura de seu “endereço” expressa, já que o “@” em Inglês significa “at” indicando localização. As crianças e adolescentes participantes da pesquisa (Tocantins, 2020) por seu turno, foram unânimes ao afirmar que só utilizavam o *e-mail* para se cadastrar em redes sociais ou em outros sites de interesse pessoal. Afinal, em tempos de comunicação síncrona, por que esperar vinte quatro horas para receber uma resposta por *e-mail*?

A sincronização temporal da conduta humana se dá na velocidade dos *bits* e dos *bytes*, nas conexões digitais de alto desempenho, a serviço de uma regulação social cada vez mais individualizada que imprime seu ritmo acelerado no cotidiano das pessoas, da qual, na perspectiva elisiana, é impossível de se escapar.

Figura 5 - Quadrinho da Professora Bebel e quadrinho da Professora Fabiana



Fonte: Pesquisa de campo

Para além da dimensão histórica do presente, em várias outras narrativas dos professores, “a historicidade do cotidiano emerge remontando atrás para mostrar a sua formação” (Pais, 2003, p. 83). Revelando nesse percurso uma disjunção entre tempo e novas tecnologias, ou seja, o desenvolvimento tecnológico e apropriação dessas tecnologias possuem temporalidades divergentes na vida cotidiana desses sujeitos (Figuras 5 e 6).

Figura 6 - Trecho final da HQ da Professora Bebel



Fonte: Pesquisa de campo

A análise das imagens acrescenta significado ao texto escrito nos “balões”, dando lugar a subjetividades não visíveis no diálogo. Das expressões corpo-face emergem indícios de medo, temor, desânimo, cansaço e especialmente no último quadrinho da Professora Bebel – o rosto coberto com ambas as mãos – a vergonha de “voltar à estaca zero”. Mas seria possível “todo o conhecimento” ir embora? Ou o conhecimento que “fica” não seria considerado o suficiente para escapar do rótulo “desatualizados”? Na verdade, considera Lèvy (1999, p. 28), “cada um de nós se

encontra em maior ou menor grau nesse estado de desapontamento. A aceleração é tão forte e tão generalizada que até os mais ligados encontram-se em graus diversos, ultrapassados pela mudança”.

O descompasso entre o surgimento de uma nova tecnologia e sua apropriação é amplificado especialmente quando se trata de tecnologias digitais, devido à sua própria constituição, com base em dígitos, códigos binários. A mudança do analógico (material) para o digital, flexibiliza os processos de desenvolvimento tecnológico, possibilitando qualquer indivíduo “apropriado” se tornar também um desenvolvedor de TIC. É bem verdade que ainda precisamos de equipamentos – aparelhos, dispositivos, *hardwares* – às vezes de alto custo e produção sofisticada. Porém, o cerne se desloca para a programação, algoritmos, *softwares*, ou seja, para o digital. Nessa lógica, a descentralização na criação e produção de TIC acelera o avanço tecnológico, que, por sua vez, demanda novas apropriações de TIC em um processo contínuo, cada vez mais amplo e veloz. Novas tecnologias demandam novas apropriações. Novas apropriações impulsionam novas tecnologias.

O digital, fluido, em constante mutação, seja desprovido de qualquer essência estável. Mas, justamente a velocidade de transformação é em si mesma uma constante – paradoxal – da cibercultura. Ela explica parcialmente a sensação de impacto, de exterioridade, de estranheza que nos toma sempre que tentamos apreender o movimento contemporâneo das técnicas (Lèvy, 1999, p. 27).

Com o autor, depreendemos, então, que apropriar-se de tecnologias digitais é como tentar apreender “algo” em constante movimento. “Daí a sensação, diante da cibercultura, de mudança constante e a perspectiva de que se está sempre atrasado em relação ao espaço onde se está”, acrescenta Martino (2015, p. 29). Entretanto, a velocidade das mudanças e de fluxos na vida cotidiana é apenas uma das características advindas dessas transformações tecnológicas contemporâneas, que reconfiguram as relações humanas, a cultura e a sociedade em sua amplitude. A cibercultura, como define Lèvy (1999, p. 17), engloba “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

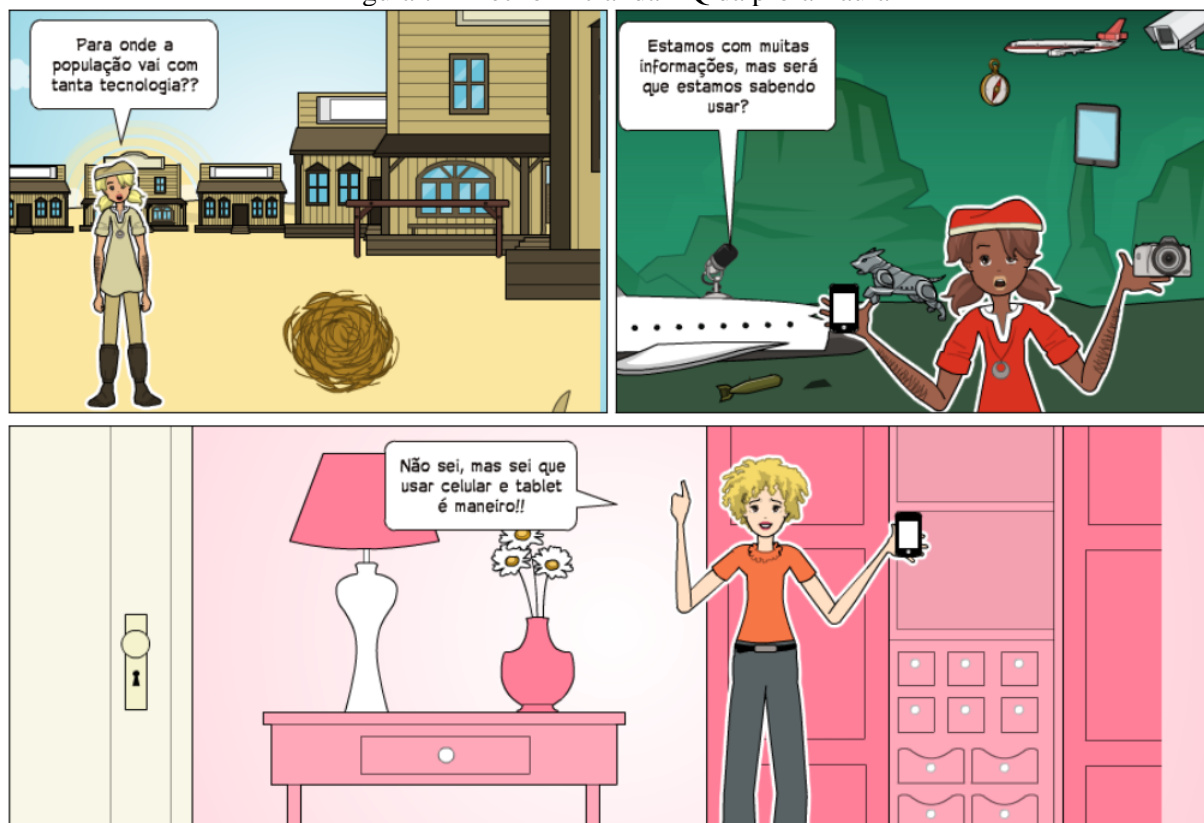
Entretanto, esse novo espaço que se configura na lógica da rede – o ciberespaço, “não se limita à infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos” (Lèvy, 1999, p.17). Um espaço virtual, mas que também compõe o real, com novas relações tempo e espaço. Se estamos conectados, estamos no ciberespaço. Estar conectado significa estar em qualquer lugar, além da presença física. Por outro lado, considerando a convergência da *internet* para os dispositivos móveis em uma rede ubíqua, podemos estar no ciberespaço independente do lugar de presença do corpo. Sem dúvida, a mobilidade e ubiquidade intensificam a apropriação das TIC, agora imbricadas em todos os tempos

e espaços do cotidiano. Cada vez mais se apagam os limites entre o virtual e o real, o *on-line* e o *off-line*. É preciso considerar, entretanto, que não se trata da extinção do ciberespaço como argumentam alguns autores (Pang, 2008; Hinchcliffe, 2005). Conforme contrapõe Santaella (2010), a mobilidade não apagou o ciberespaço, pelo contrário, o tornou mais onipresente. “Se vamos para o ciberespaço, ou se ele vem a nós, o que muda é a direção do acesso, de ida e de vinda. Isso não implica decretar a morte do ciberespaço, que para a autora continua mais vivo do que nunca (Santaella, 2018, p. 237).

“Eu estava viciada demais”

Outro relevante aspecto acerca das TIC é o excesso de uso. Como equilibrar o uso que é necessário, relevante, para não se tornar algo que vicia? A Professora Laura relata a sua insatisfação com o próprio uso exagerado – em suas palavras, com o seu vício.

Figura 7 - Trecho inicial da HQ da profa Laura



Fonte: Pesquisa de campo

Professora Laura: Nessa história aqui, eu não consegui ver no meu dia a dia [...] eu não vi nada que eu pudesse contar ali... (Figura 7) se não iam falar que eu estava viciada demais. Então eu falei, eu prefiro comentar algo global.
Pesquisadora: Você está viciada demais?
Professora Laura: Estou.

Na sua história em quadrinhos (Figura 7), a Professora Laura preferiu comentar “algo global”, porém, apresenta questionamentos – “para onde a população vai com tanta tecnologia?”; “será que estamos sabendo lidar com isso?” – E ao mesmo tempo uma declaração de afeição, “usar celular e *tablet* é maneiro!”. Suas questões convidam o leitor à reflexão sobre os usos e as apropriações que têm sido feitas das tecnologias; sobre quais tempos e espaços elas têm ocupado na vida das pessoas, bem como o risco da dependência. Essa última questão também surge em outro momento da pesquisa, na narrativa do Professor Fernando, que se considera apaixonado e dependente das mídias e tecnologias digitais.

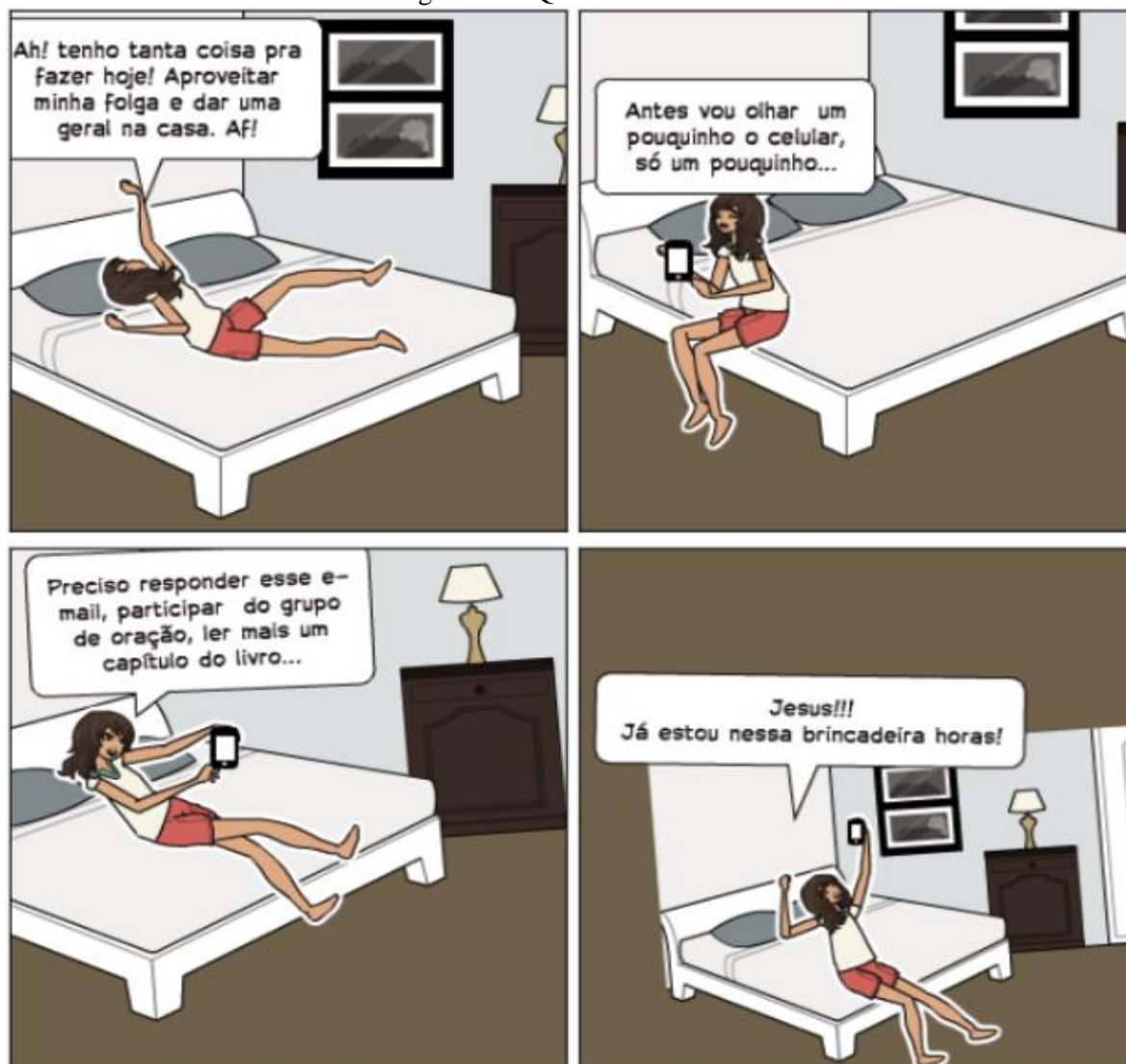
“Ah... eu realmente não consigo nem imaginar!... Tem hora que eu paro assim pra deitar na cama e dormir, e fico pensando... meu Deus do céu, se a gente tirar essas tecnologias!... E como é que seria, né? Como é que vai ser? Mas, eu acho que hoje não tem mais volta não, uma coisa que não tem mais volta” (Professor Fernando).

Desse ponto de vista, a professora Laura narrou alguns episódios de sua vida cotidiana. Em um deles ela relata um “desentendimento” que teve com seu celular. Segundo a professora, foi a partir dessa situação que ela parou para refletir e chegou à conclusão que sua relação com as TIC tinha se tornado um vício. Não só pelo uso do celular em suas funções originais, mas principalmente por sua dependência por mídias e tecnologias digitais que convergem para os dispositivos móveis.

“Numa crise de raiva eu peguei meu celular, que era bom [...] eu fiquei com tanta raiva, que quando eu cheguei em casa eu joguei ele na parede. A raiva foi tanta que eu joguei ele no chão, peguei e joguei na parede de novo. Umás quatro vezes. Espatifou! Eu queria fazer uma ligação na hora e ele travou. E isso me irritou... eu precisava fazer uma ligação e não consegui. Então eu quebrei. Fiquei uma semana sem celular” (Professora Laura).

Os vícios se originam de hábitos, positivos ou negativos, sobre os quais perdemos o controle, e, nesse sentido, o ambiente digital pode criar, afetar ou intensificar esse processo, conforme Gabriel (2018). A autora destaca alguns comportamentos digitais que mesmo não sendo bons ou ruins em si, tendem a ser mais viciantes: consumo de informação em tempo real; exposição e conexão; uso de tecnologia e mídia; *multitasking*. Ao se tornarem vícios, “muitos desses hábitos passam a prejudicar a saúde, e vários deles afetam também a produtividade, a eficiência, a criatividade e a tomada de decisão nas ações cotidianas. O vício nos controla e tira nosso foco dos nossos reais objetivos” (Gabriel, 2018, p. 86).

Figura 8 - HQ Professora Jeane



Fonte: Pesquisa de campo

A professora Jeane demonstra preocupação com essa questão e tece críticas ao uso da *internet* e principalmente ao celular, narrando seu esforço para controlar os excessos e separar tempo para cada coisa importante na vida (Figura 8):

“Então, é saber usar. Eu, tem momento que eu chego em casa e falo, agora eu não vou usar, se for urgente ligam! Não vou ficar o tempo todo lá... porque toda hora chega, toda hora tá lá o numerozinho, né? E não é só o WhatsApp não, são tantas outras coisas” (Professora Jeane).

Ela explica como tem trabalhado essa temática com seus alunos do Ensino Médio, propiciando momentos de discussão e reflexão crítica sobre as implicações das TIC na vida cotidiana. Em uma das atividades propostas, ela pediu para seus alunos ficarem alguns dias sem usar a *internet* e escrever um relato dessa experiência. Segundo a professora, "Só dois ou três apenas conseguiram fazer o relato e perceberam que, realmente, estão se tornando escravos da

tecnologia, de um aplicativo, do celular, da TV... sei lá!” Parece existir um consenso entre a maioria dos professores sobre os excessos nos usos e apropriações das TIC e a dificuldade em manter o controle, tal como alerta Pais (2016, p. 9), “são cada vez menos os que usufruem do tempo que desejam e cada vez mais os escravos do tempo”.

Essa também é uma das questões abordadas por Turkle (2011). A pesquisadora norte americana tem desenvolvido pesquisas sobre as transformações na vida pessoal e social advindas das interações no ciberespaço. Ela analisa o uso excessivo da Internet, principalmente em dispositivos móveis, como os celulares, e considera situações como as narradas pela professora Jeane, um paradoxo, pois as tecnologias que foram desenvolvidas para poupar o tempo das pessoas acabam por consumir mais tempo ao gerar novas demandas na *internet*. Outras duas publicações que aprofundam a discussão sobre uso intensivo envolvendo TIC, principalmente no que diz respeito ao diálogo no âmbito internacional, merecem destaque. A revisão sistemática de artigos publicada por Abreu *et al.* (2008), que examina a dependência de *internet* e jogos eletrônicos na população geral, e a abordagem apresentada por Greenfield (2011) sobre as propriedades de dependência do uso de *internet*.

Consideramos também que alguns exemplos narrados pelos professores, possuem características de procrastinação. Adiar ou não realizar atividades importantes porque resolveu “olhar um pouquinho o celular” (Figura 8) e perceber que horas se passaram enquanto se divagava pelo ciberespaço, não é um hábito apenas das crianças e adolescentes, como relatam Tocantins e Wiggers (2021), mas em maior ou menor intensidade, uma situação habitual dos professores. Para eles, controlar o tempo gasto na *internet*, também não é tarefa fácil.

CONCLUSÃO

Os professores demonstram preferência por TIC que facilitam a vida cotidiana. Entre diversos tipos de tecnologias e seus respectivos usos representados pelos participantes, a *internet* é indispensável, evidenciando-se como a TIC mais “apropriada” pelos professores. Além disso, os docentes indicaram uma disjunção entre tempos, ou seja, entre o desenvolvimento tecnológico e apropriação das tecnologias, que se manifestam em temporalidades divergentes na vida cotidiana. Isso provoca uma percepção de que as tecnologias avançam muito mais rápido do que a capacidade de nos apropriarmos delas, tanto no cotidiano como também na atuação docente. Contudo, os professores demonstram níveis de apropriação mais avançados na vida pessoal do que na vida

profissional. Reconhecem a necessidade de continuar transpondo a apropriação de TIC do cotidiano pessoal para o profissional e buscam formação continuada para isso. Nesse sentido, consideramos que a própria participação na oficina proposta na nossa pesquisa já indica essa intencionalidade de apropriação de TIC para a prática educativa.

Sobretudo, o uso excessivo das TIC foi representado como uma tendência, o que sugere a importância de ações pedagógicas, que propiciem momentos de discussão e reflexão crítica sobre as implicações das TIC na vida cotidiana. Nesse processo, os participantes reconhecem a necessidade e os benefícios das TIC, mas ao mesmo tempo apresentam preocupações com a crescente ocupação dos tempos e espaços dessas tecnologias na vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de; KARAM, Rafael Gomes; GÓES, Dora Sampaio SPRITZER, Daniel Tornaim. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 156-167, jun. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1516-444620080002000140>. Acesso em: 27 mai. 2024.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

DIAS, Marcio Luiz. A autoria de podcasts por professores no contexto do curso linguagens digitais no ensino mediado por tecnologias: colaborações e desafios em processos de ensino e aprendizagem. **Revista Com Censo**, Brasília, v. 10, n. 4, nov. 2023, p. 202-208. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1699>. Acesso em: 30 maio 2024.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GABRIEL, Martha. **Você, eu e os robôs**: pequeno Manual do mundo digital. São Paulo: Atlas, 2018.

GREENFIELD, David. As propriedades de dependência do uso da internet. In: YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano Nabuco. (Orgs). **Dependência de internet**: manual e guia de avaliação e tratamento. Porto Alegre: Artmed; 2011.

HINCHCLIFFE, Dion. **Will web 2.0 kill cyberspace?** Disponível em: <http://laszlo.syscon.com/node/141534>. Acesso em: 14 out. 2018.

HOBBS, Renee. **Digital and media literacy**: connecting culture and classroom. California: Corwin, 2011.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

- PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PAIS, José Machado. O mundo em quadrinhos: o agir da obliquidade. In: **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Maria Isabel Mendes de Almeida e José Machado Pais (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PAIS, José Machado. Tessituras do tempo na contemporaneidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 18, n. 33, p. 7-18, jul./ dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/37945/19977>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- PANG, Alex Soojung-Kim. Mobility, convergence, and the end of cyberspace. In NYÍRI, Kristóf (ed.) **Integration and ubiquity**. Towards a philosophy of telecommunications convergence. Viena: Passagen Verlag, 2008.
- SANDHOLTZ, Judith Haymore.; RINGSTAFF, Cath.; DWYER, David C. **Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos**. São Paulo: Artmed, 1997.
- SANTAELLA. Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**. Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTAELLA. Lucia. Espaço virtual. In: MILL, Daniel. (Org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papirus, 2018.
- SUMIKAWA, Cláudia Vieira Barboza. **Multiletramentos na formação de professores em metodologias da transmídiação no Distrito Federal**. 2020, 144 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira. **Apropriações de tecnologias da informação e comunicação por professores no contexto da educação do corpo na escola**. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira. **Apropriações de TIC e suas interseções entre professores, crianças e adolescentes**. 2020. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Infância e mídias digitais: histórias de crianças e adolescentes sobre seus cotidianos. **Caderno Cedes**, v. 41, n. 113, p. 76-83, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC231445>. Acesso em: 31 maio. 2024.
- TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira.; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Celular não é brincadeira: crianças e adolescentes discutem mídias e tecnologias digitais na vida cotidiana. **Cadernos de Aplicação**, Porto Alegre, v. 36, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/134155>. Acesso em: 31 maio. 2024.
- TURKLE, Sherry. **Alone together**. New York: Basic Books, 2011.
- WARTH, Lauriano Cecchin; DUEK, Viviane Preichardt; ZILCH, Geyson Ricardo; FARIAS, Gelcemar Oliveira. Reflexões sobre a integração das TIC na Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1–23, 10 dez. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e81120>. Acesso em: 30 maio. 2024.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Secretaria de Educação do Distrito Federal

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende que não há conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR ASSOCIADO DA SEÇÃO TEMÁTICA

Alison Pereira Batista

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 01.06.2024

Aprovado em: 01.09.2024

